

O REINO PORTUGUÊS E OS DESCOBRIMENTOS: POEMAS DE GARCIA DE RESENDE ABORDAM A COLONIZAÇÃO E A DEGENERAÇÃO SOCIAL

THE PORTUGUESE KINGDOM AND THE DISCOVERIES: GARCIA DE
RESENDE'S POEMS DEAL WITH COLONIZATION AND SOCIAL DEGENERATION

Geraldo Augusto Fernandes*

RESUMO

Garcia de Resende, em sua *Miscelânea e variedade de histórias*, apresenta umas trovas em que resume a situação da metrópole portuguesa com a ascensão de grande número de escravos negros. Registra os efeitos das Grandes Descobertas, e suas trovas revelam certo desconforto e certa desilusão para com as riquezas que afloram em Portugal, as quais, inclusive com a chegada de escravos africanos, colaboram para degenerar o sonho dourado de perfeita convivência entre os que habitavam Portugal. Este estudo pretende analisar em que situação o uso dos referidos poemas foi importante para se entender os meandros de nossa Colonização, com destaque para o tema da escravidão em Portugal e no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura e história; escravidão; trabalho x ociosidade; imigração/emigração.

ABSTRACT

Garcia de Resende, in his *Miscelânea e variedade de histórias*, presents some *trovas* in which he summarizes the situation of the Portuguese metropolis with the rise of a large number of black slaves. It records the effects of Great Discoveries and his *trovas* reveal certain discomfort with the riches that emerge in Portugal, which, even with the arrival of those African slaves, collaborate to degenerate the dream of a perfect coexistence between those who lived in Portugal. This study intends to analyze in which situation the use of the mentioned poems was important to understand the meanders of our Colonization, with emphasis on the subject of slavery in Portugal and in Brazil.

KEYWORDS

Literature and history; slavery; work x idleness; immigration/emigration.

* Universidade Federal do Ceará (UFC).

INTRODUÇÃO

Alguns estudiosos, jornalistas, sociólogos, críticos literários, historiadores dos séculos XIX e XX e início do XXI, ao escreverem sobre escravidão, miscigenação, doenças, inflação e artes, alguns se valendo do modelo de estudos da Nova História – os *Annales* –, fazem uso constante de textos medievais de origem portuguesa. No caso deste estudo, mais especificamente de poemas e peças teatrais dos fins da Idade Média e início da Modernidade. Sabe-se que Garcia de Resende, como escrivão da monarquia portuguesa de fins do século XV e início do XVI, assim como o fez Fernão Lopes, no século XV, tinha uma visão crítica sobre a transformação que as Conquistas ultramarinas desenhavam Portugal. Assim como ele, Gil Vicente em muitas de suas peças – que desde as primeiras tinham por objetivo denunciar as mazelas da sociedade. Contemporâneos, os dois primaram por deixar em seus textos poéticos a real situação da Nação. Neste estudo, não pretendo fazer uma análise crítica do uso que estudiosos fizeram com os textos poéticos – pretendo, sim, elencar os estudiosos e seus textos, aqueles que se valem dos poemas, e mesmo peças teatrais do dealbar da Idade Média.

GARCIA DE RESENDE EM OS SERTÕES

A motivação para a escrita deste texto ocorreu-me através de uma conversa com um colega de Literatura. Lembrou-me ele de que Euclides da Cunha em seu antológico *Os Sertões* referia-se a uns versos de Garcia de Resende relacionados com a questão da escravidão no Brasil¹. Na verdade, a referência de Cunha é quanto à sua constatação de que o mulato primeiro aparece na metrópole, em Lisboa, e não no Brasil. Foi lá que as primeiras miscigenações aconteceram. No capítulo “O Homem”, Euclides da Cunha conta como os jesuítas brigaram com os colonos gananciosos para que os verdadeiros naturais da terra fossem respeitados. No começo da colonização amalgamavam-se os colonos com os índios; as bandeiras difundiam as três raças onde se descobriam novas paragens. O africano começa a povoar o Brasil nos fins do século XVI e se estende até 1850. Para Cunha, é discutível que o negro tenha influenciado na formação do sertanejo do norte. (CUNHA, s.d., p. 75-76). Escreve que

¹ Agradeço ao amigo e colega prof. Dr. Claudicélio Rodrigues da Silva, da Universidade Federal do Ceará, a lembrança sobre o trecho n’ *Os Sertões*.

é certo que o consórcio afro-lusitano era velho, anterior mesmo ao descobrimento, porque se consumara desde o século XV, com azenegues e jalofos de Gil Eanes e Antão Gonçalves. Em 1530 salpintavam as ruas de Lisboa mais de dez mil negros, e o mesmo sucedia noutros lugares. Em Évora tinham maioria sobre os brancos. (CUNHA, p. 76)

É a partir desta constatação que Cunha cita os versos de Garcia de Resende, versos esses que serão usados *ad nauseam* por vários estudiosos². “Os versos de um contemporâneo”, Garcia de Rezende, são um documento:

“Vemos no reyno metter,
“Tantos capitvos crescer,
“Irem-se os naturaes
“Que, se assim for, serão mais
“Elles que nós, a meu ver.”
(CUNHA, p. 76)

Desta constatação, reivindica Cunha a *gênese do mulato*:

Assim a gênese do mulato teve uma sede fora do nosso país. A primeira mestiçagem com o africano operou-se na metrópole. Entre nós, naturalmente, cresceu. A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização patente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuinto o “como se podem enjeitar os escravos e bestas por os acharem doentes ou mancos”, denunciam a brutalidade da época. (CUNHA, p. 76)

O APREÇO AO TRABALHO. A DEGRADAÇÃO DOS COSTUMES.

Antonio Candido, no prefácio de *Raízes do Brasil*, pontua o que Sérgio Buarque de Holanda vai tratar em sua obra, também antológica: uma *mania geral de fidalguia*, lembrando o que escreveu Fradique Mendes numa de suas cartas: “Em Portugal, somos todos fidalgos”. Essa rememoração tem a ver com o fato de que a população portuguesa, de Lisboa e Évora, se valia de escravos vindos da África para se verem livres do trabalho, o que será estudado por Holanda. Fradique Mendes, conta Candido, “alude pela primeira vez a um dos temas fundamentais do livro [de Sérgio

² No Jornal de Angola Online, de 2.4.2017, no artigo “Ainda a propósito do problema da Melanina”, Filipe Zau, Ph. D em Ciências da Educação e Mestre em Relações Interculturais, engana-se quanto à autoria do poema de Garcia de Resende: “Acredita-se que, em meados do século XV, o número de cativos negros em Portugal já ultrapassasse o de mouros. Porém, apesar de ser bastante elevado, nunca o número de escravos negros chegou a ultrapassar o número de portugueses por nascimento como, ainda na primeira metade do século XVI, supunha Nicolaus Clenardus. [...] Vemos no Reino meter tantos cativos crescer, e irem-se os naturais, que, se assim for, serão mais eles que nós, a meu ver [...]” afirmava, em 1655, ano em que faleceu, Manuel Severim de Faria, sacerdote católico, historiador, arqueólogo, numismata, genealogista e escritor (também considerado o primeiro jornalista português), num dos seus dois volumes intitulados ‘Notícias de Portugal’”.
Cf. http://jornaldeangola.sapo.ao/opinioao/artigos/ainda_a_proposito_do_problema_da_melanina

Buarque]: a repulsa pelo trabalho regular e as atividades utilitárias, de que decorre por sua vez a falta de organização, porque o ibérico não renuncia ‘as veleidades em benefício do grupo ou dos princípios’”. (HOLANDA, 1995, p. 14). Comenta Candido que espanhóis, portugueses e ingleses, estes pelo menos antes da expansão de seu império, não primavam pelo apeço às virtudes e à pertinácia e ao esforço apagado.

Quanto ao Brasil, diz o autor [Holanda] que essas características foram positivas, dadas as circunstâncias, negando que os holandeses pudessem ter feito aqui o que alguns sonhadores imaginam possível. O português manifestou uma adaptabilidade excepcional, mesmo funcionando “com desleixo e certo abandono”; em face da diversidade reinante, o espírito de aventura foi o “elemento orquestrador por excelência”. (HOLANDA, 1995, p. 14-15)

Candido então registra o que caracteriza as Conquistas portuguesas, diferentemente de outras nações conquistadoras:

O interesse do português pelas suas conquistas foi sobretudo apego a um meio de fazer fortuna rápida, dispensando o trabalho regular, que nunca foi virtude própria dele. A facilidade de ascensão social deu à burguesia lusitana aspirações e atitudes da nobreza, à qual desejava equiparar-se, desfazendo os ensejos de formar uma mentalidade específica, a exemplo de outros países. (HOLANDA, 1995, p. 16)

Isso que diz Candido é o cerne do estudo de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), que constata: “o certo é que todo o fruto de nosso *trabalho* ou de nossa *preguiça* parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem” (HOLANDA, 1995, p. 31). Diz Holanda que em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por “uma força exterior respeitável e temida” (HOLANDA, 1995, p. 32). Retorna, então, à Idade Média e diz que “o mundo era organizado segundo leis eternas indiscutíveis, impostas do outro mundo pelo supremo ordenador de todas as coisas” (HOLANDA, 1995, p. 34). Em validação disso, recorre também à literatura, mais especificamente ao teatro crítico-moralizante de Gil Vicente: “Na era dos grandes descobrimentos marítimos, Gil Vicente podia notar como a nítida separação das classes sociais que prevalecia em outros países era quase inexistente entre seus conterrâneos”:

... em Frandes e Alemanha,
em toda França e Veneza,
que vivem per isso e manha,
por não viver em tristeza,
não he como nesta terra;
porque o filho do lavrador
casa lá com a lavradora,
e nunca sobem mais nada;
e o filho do broslador
casa com a brosladora:
isto per lei ordenada.
(HOLANDA, 1995, p. 35)

Sérgio Buarque registra que, diferentemente de povos protestantes,

é compreensível que [...] jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia (HOLANDA, 1995, p. 38).

Como o trabalho sempre representou aos ibéricos um fruto exótico, a obediência aparece às vezes como a mais suprema virtude. Sendo assim, “não é estranhável que essa obediência – obediência cega, e que difere fundamente dos princípios medievais e feudais de lealdade – tenha sido até agora, para eles, o único princípio político verdadeiramente forte”. (HOLANDA, 1995, p. 39).

Quanto às explorações dos lugares conquistados, especificamente no Brasil, diz Holanda:

o que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho. A mesma, em suma, que se tinha acostumado a alcançar na Índia com as especiarias e os metais preciosos (HOLANDA, 1995, p. 49).

Os lucros que os conquistadores alcançaram deveram-se aos esforços das “mãos e [d]os pés dos negros³ (HOLANDA, 1995, p. 49).

Sérgio Buarque registra que em 1535, o humanista flamengo Clenardo, quando morou em Lisboa, aonde chegou em 1533, a convite da corte portuguesa de Quinhentos, época em que a Portugal afluíam artistas, historiadores, mercadores e toda sorte de outros povos europeus, escreveu a seu amigo Latônio sobre as “miseráveis condições em que jaziam no país as lides do campo”:

“Se em algum lugar a agricultura foi tida em desprezo”, dizia, “é incontestavelmente em Portugal. E antes de mais nada, ficai sabendo que o que faz o nervo principal de uma nação é aqui de uma debilidade extrema; para mais, se há algum povo dado à preguiça sem ser o português, então não sei onde ele exista. Falo sobretudo de

³ No capítulo XIII de *O Abolicionismo*, “Influência da escravidão sobre a nacionalidade”, Joaquim Nabuco usando o subjuntivo, tenta imaginar se a colonização tivesse tomado outro rumo, as desgraças que se abateram sobre os escravos e sobre a nacionalidade brasileira não teriam tido o efeito que marcou ambos os fatos. “Se Portugal tivesse tido no século XVI a intuição de que a escravidão é sempre um erro, e força bastante para puni-la como crime, o Brasil ‘não se teria tornado no que vemos’; seria ainda talvez uma colônia portuguesa, o que eu não creio, mas estaria crescendo sadio, forte e viril como o Canadá e a Austrália.” E segue Nabuco: “...entre o que houve – a exploração da América do Sul por alguns portugueses cercados de um povo de escravos importados da África – e a proibição severa da escravidão na América portuguesa, a colonização gradual do território por europeus, por mais lento que fosse o processo, seria infinitamente mais vantajosa para o destino dessa vasta região do que o foi, e o será, o haverem-se espalhado por todo o território ocupado as raízes quase que inextirpáveis da escravidão.” (NABUCO, 2000, p. 100).

nós outros que habitamos além do Tejo e que respiramos mais de perto o ar da África.”⁴ (HOLANDA, 1995, p. 49)

Percebe-se, então, que, aliado aos problemas causados pelas conquistas, o homem que assistia aos estertores da Idade Média, mesmo que extático ante as maravilhas do Novo Mundo, depara-se com o mal que estas trouxeram, possibilitando a degradação dos costumes.

Recorre Holanda às críticas de Garcia de Resende, que lamenta sobre esse clima da metrópole pela “silenciosa e sub-reptícia invasão, que ameaçava transtornar os próprios fundamentos biológicos onde descansava tradicionalmente a sociedade portuguesa” (HOLANDA, 1995, p. 53). Reproduz então a estrofe de Resende, usada por muitos estudiosos:

*Vemos no reino meter,
Tantos cativos crescer,
E irem-se os naturais
Que se assi for, serão mais
Eles que nós, a meu ver.*
(HOLANDA, 1995, p. 53)

Para enfatizar o tipo de colonização empreendida pelos portugueses, Sérgio Buarque recorda que “o crédito há de vir pela mão da natureza como um dom de Deus, ou pelo exercício daquele bom senso madurecido na experiência, que faz com que as obras humanas tenham mais de natureza do que de arte. Já observara o velho Sá de Miranda que

*Pouco por fora podemos,
isso que é, por saber veio,
todo o mal jaz nos extremos,
o bem todo jaz no meio.*
(HOLANDA, 1995, p. 114)

LITERATURA E HISTÓRIA

De tudo o que se expôs até agora, creio seja necessário fazer um breve comentário sobre a contribuição que a Literatura faz à História e esta à Literatura. A Literatura se relaciona com a ficção e a História, à verdade, tendo em comum a vida humana e o discurso narrativo. Segundo Zamboni e Fonseca (2010), ambas “se

⁴ Outro estudioso português, M. Gonçalves Cerejeira, cita ainda Clenardo: “Os escravos pululam por toda a parte. Todo o serviço é feito por negros e mouros cativos. Portugal está a abarrotar com essa raça de gente. Estou quase em crer que só em Lisboa há mais escravos e escravas, que portugueses livres de condição. Dificilmente se encontrará uma casa, onde não haja pelo menos uma escrava destas” (CEREJEIRA, 1926, p. 273).

preocupam com o cotidiano, com o borbulhar que emana das sensibilidades e paixões presentes nas relações humanas; sensibilidades e paixões presentes no sonho, na utopia, nos afetos, no rememorar, nas lutas de poder” (p. 340). Para as autoras, o que diferencia uma da outra é o método de construção discursiva, pela preocupação com a verdade. A História buscaria compreender e explicar o real, através do diálogo entre o “historiador e as fontes, os documentos, as evidências” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 340) – reconstrói-se então o passado. A dinâmica da sociedade, seus movimentos, propiciaria “a captura das contradições, das mudanças e as permanências na história” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 340), por meio da análise e interpretação dos fatos. Já a Literatura, não concederia “foros de verdade” daquilo que declara. Como não “tem o compromisso de explicar o real, nem de comprovar acontecimentos, a Literatura interpreta os fatos, reconstrói-os, recorrendo à imaginação, à criatividade e à ficção, implicando um afastamento do real (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 340), apesar de suas raízes serem o social; “nesse sentido, a literatura pode falar ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 340-341). Zamboni e Fonseca pensam que

tanto na literatura como na história, a narrativa é arte: arte de contar, de pensar, de troca entre sujeitos, de compartilhar experiências, situações que conheceram e/ou viveram. As narrativas históricas são tratadas sob o viés social, cultural, político. A intenção é clara: demonstrar, a partir de determinados critérios e procedimentos, que o conhecimento histórico é construído por pessoas imersas no seu tempo, capazes de construir problemas, hipóteses e, assim, de contribuir para o estabelecimento de relações entre outros sujeitos, outros acontecimentos e outras temporalidades. O alvo: a formação da consciência histórica. Nas narrativas literárias, as paixões humanas explicitam a subjetividade do autor (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 341).

Então, a Literatura e a História constituem-se de experiência, formação e transformação – uma e outra têm de trazer à tona as heranças que nos formaram (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 341). É assim que se dá o diálogo entre a literatura, a história e a memória para se construir “outras percepções do cotidiano, da história local” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 341).

Valendo-se dessa contribuição que a literatura fornece ao estudioso, Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, diz que o tema da dissonância entre o indivíduo e o mundo implica uma imagem afirmativa pelo gosto pelo mundo e pela vida. Esse gosto estaria ligado à incapacidade dos colonizadores de

abandonar inteiramente os vãos cuidados terrenos. O próprio Amadis, modelo de valor e espelho de cortesia, não consegue tornar-se um anacoreta genuíno no ermo

da Penha Pobre, porque tem a acompanhar todos os seus pensamentos e obras a lembrança indelével de Oriana (HOLANDA, 1995, p. 115).

Para o estudioso a visão de mundo manifestada na literatura, sobretudo na poesia, deixou impresso nas várias atividades o objetivo do português: a expansão colonizadora (HOLANDA, 1995, p. 116).

Em outra obra antológica, *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda recorre também à literatura para relatar o *deslumbramento dos conquistadores pelas terras brasileiras*. Vale-se de Gil Vicente e outros autores portugueses e espanhóis. No capítulo VII, “Paraíso perdido”, cita um dos poemas de dom João Manuel pedido a ele por dom Manuel, o Venturoso. Tendo por guia uma linda donzela, vê um ameno recesso em que correm quatro rios caudalosos. Diz o camareiro do rei:

Dali eran desterrados
todos los fallecimientos,
quẽ todos quatro elementos
son en el mũdo fallados.
Es calor prymeramente
templado syngularmẽte,
mas que se puede narrar,
syn exceder ny mengoar
cosa que fuesse nocente.

Era perpetuamente
el ayre clarefycado,
el sol en seteno grado
era ally mas prefulgente;
era tanto resplandor
syn excessyuo calor,
y syn frio desmedido
mas el medio posseido
cõ muy suave dulçor.

.....

Toda la tierra criaua
las plantas todas frutiferas
y las yervas odoriyeras
solamente germinaua⁵.
(HOLANDA, 2000, p. 216)

Holanda diz que o poema, além de enaltecer as maravilhas paradisíacas, é escrito em louvor ao rei que agora comandava as Conquistas. A dama que guia o poeta leva-o a um castelo com quatro torres, com uma legenda que diz “perpetuo

⁵ Este poema encontra-se no volume II do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, n. 158, p. 445-460, intitulado: “Trovas que dom Joham Manuel, camareiro-moor, fez sobre os sete pecados mortaes, enderençadas a el-rei, as quaes nam acabou”. Edição de Aida Fernanda Dias (cf. *CANCIONEIRO Geral*, 1998).

diamante”: que muerte no gustaria / quien allí fuesse abitante. A alegoria do castelo e do horto deleitoso, conforme Sérgio Buarque,

prendem-se, possivelmente, aos motivos ditados pela santa fé cristã e, de outro lado, pela fidelidade e devoção a el-rei, já que sua obra de conquista de novas terras autoriza essa aliança, achando-se, como em verdade se acha, sob o signo de Vera Cruz (HOLANDA, 2000, p. 216-217).

Remete ainda Holanda a obras de literatura devocionais que fazem referência ao Paraíso Terrestre, tais como *Visão do Triângulo*, *Corte Imperial*, *Boosco Deleitoso* e *Navigatio Sancti Brandani*. Tais obras, como se vê, servem de suporte ao autor para registrar, como dito atrás, o deslumbramento dos portugueses ante as novas descobertas. Conclui o historiador que

a larga popularidade das histórias do mesmo teor, piedosas ou profanas, e o longo crédito que alcançaram, parecem oferecer uma explicação psicologicamente razoável para a mentalidade de muitos navegantes europeus que na era dos grandes descobrimentos marítimos vieram ter ao Novo Mundo”. (HOLANDA, 2000, p. 220).

Levando em conta essas análises empreendidas por Candido e Buarque de Holanda, para citar apenas os dois, observem-se outros estudos em que os autores se valeram da Literatura, mais especificamente a Garcia de Resende e Gil Vicente, para a construção de seus textos. A partir daqui faço apenas um retrato sobre o que comentam estudiosos de várias áreas – historiadores, jornalistas, cientistas e poetas palacianos, contemporâneos de Garcia de Resende.

ESTUDO HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO PORTUGUESA

O historiador Alberto Vieira escreve sobre a migração portuguesa decorrente dos Descobrimientos. Foca seu estudo a partir da conquista de Ceuta (1415) até o século XVI, quando se dá a ocupação portuguesa no novo mundo. Crê o estudioso que a transmigração das populações europeias se dá no século XV e os portugueses, pioneiros, aventuram-se na ocupação de novos espaços (VIEIRA, 2007, p. 63). Quanto a essa mobilidade da sociedade portuguesa, Vieira recorre a versos de Garcia de Resende. Em 1534 o escrivão eborense dá testemunho dessa mobilidade:

Vimos muito espalhar
portugueses no viver,
Brasil, ilhas povoar
e às Índias ia morar,
natureza lhes esquecer.

O fluxo migratório se dá pela ocupação dos espaços desertos ou ocupados e pela intervenção no comércio, pelo estabelecimento de feitorias e fortalezas, instrumentos de controle dos colonizadores. Diz Vieira que “a isto sucede um fluxo inverso de escravos, que atemoriza os que ficam” (VIEIRA, 2007, p. 64). Vale-se então, e também, da visão de Garcia de Resende, usando os mesmos versos que centralizam este artigo:

Vemos no reino meter
tantos cativos, crescer,
e irem-se os naturais,
que se assim for, serão mais
eles que nós, a meu ver

A esses naturais que se vão, Vieira diz que a História não conhece com presteza o que ocorreu. Pergunta-se então, quantos partiram à aventura. E quem seriam “estes aventureiros da conquista do Norte de África e Oriente, do descobrimento das ilhas, costa africana e Brasil? Por fim, importa saber porque se saem: vão todos de livre vontade, guiados pelo espírito de aventura ou por outros interesses e objectivos?” (VIEIRA, 2007, p. 65). Quanto a esse questionamento, diz que

surge um pouco de tudo: viajantes, aventureiros, militares, funcionários e missionários [...] marinheiros, lavradores, e oficiais mecânicos que aderem à aventura são de todo o país. A alguns as crônicas lavraram o nome em letras douradas. A maioria ficou incógnita e será difícil, senão impossível, reconstituir essa lista (VIEIRA, 2007, p. 65).

O estudo histórico de Alberto Vieira coincide com o de Euclides da Cunha, este centrado no que ocorreu no Novo Mundo, nomeadamente no Brasil; o outro registra a migração através da visão dos metropolitanos à época dos Descobrimentos. Tanto o registro sociológico de Cunha quanto o histórico de Vieira, objetivos e pautados na análise dos fatos, creem, arrisco a dizer, que o diálogo entre Literatura e História se dá pela sensibilidade que a recorrência aos textos literários preenche os requisitos da arte, como registrado acima, no estudo de Zamboni & Fonseca: “arte de contar, de pensar, de troca entre sujeitos, de compartilhar experiências, situações que conheceram e/ou viveram” (2010, p. 341).

OS ESCRAVOS E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Letícia Destro, historiadora, em seu artigo “Entre línguas: os intérpretes nos primeiros contatos dos europeus com a costa da Guiné”, comenta sobre a aprendizagem da língua portuguesa pelos escravos. As tentativas de deslocamento

de escravos para Portugal já eram descritas por Gomes Eanes de Zurara, na sua crônica dos feitos na Costa da Guiné e também por Cadamosto⁶. É quando a autora registra a preocupação de Garcia de Resende quanto a esse afluxo de cativos: “no início do século XVI, Garcia de Resende (1470-1536), poeta português, revela sua preocupação com o número de escravos que entram no país: “Vemos no Reino meter / Tantos cativos crescer / E irem-se os naturais / Que, se assim for, serão mais / Ele que nós a meu ver” (DESTRO, 2014, p. 329). Registra a historiadora que esses escravos eram empregados em trabalhos domésticos e nas atividades degradantes; esses cativos teriam modificado aos poucos a sociedade portuguesa. Mas alguns puderam aprender um ofício, tal como o de alfaiate, músico, serralheiro, barbeiros etc. Alguns desses cativos retornavam à sua terra natal e serviam “de intérpretes e, posteriormente, até de revisores e tradutores na composição de gramáticas, dicionários e vocabulários de suas línguas nativas para o português” (DESTRO, 2014, p. 329-330). Os que ficavam em Portugal aprendiam a ler e escrever, sob a tutela dos mosteiros e da doutrina cristã. Esse ensino estaria acompanhado de um desejo proselitista – não se trata apenas de saber ler e escrever, mas de saber ler e escrever na doutrina cristã (DESTRO, 2014, p. 330).

A historiadora vale-se, ao que tudo indica, de documentos que retratam o século XVI – papel característico do historiador. O que chama a atenção é o foco de Destro na questão da aprendizagem mútua entre colonizador e colonizados. Apesar de focar no problema das atividades degradantes, parece ter certo conforto a possibilidade de o escravo aprender a língua do colonizador e transmiti-la aos seus conterrâneos no país de origem. Pelo que se depreende de sua leitura – e de outros estudiosos – a Literatura, ao citar Resende e o poema que centraliza meu estudo, tem a função de reforçar os laços que existem entre História e Literatura: elas possibilitam o desenvolvimento da linguagem, fornecendo pistas para a compreensão da realidade, da cultura, da identidade.

LITERATURA, HISTÓRIA E CIÊNCIA

Interessante é o estudo do cientista Artur Neiva (1880-1943), publicado na *Brasiliense Eletrônica*. Seu estudo refere-se à propagação da *doença pian ou boubá*. Diz Neiva que, de acordo com Taunay, “entre 1450 e 1455, foram introduzidos em

⁶ Alvise Cadamosto ou Luís Cadamosto ou Luiz Cadamosto. Navegador veneziano e explorador, a serviço de D. Henrique durante alguns anos.

Lisboa de 700 a 800 negros anualmente. O número desses elementos foi de tal forma elevado que Garcia de Rezende, que viveu de 1470 a 1554, escreveu a seguinte quintilha: "Vemos no Reino meter / Tantos cativos crescer / E irem-se os naturais / Que, se assim fôr, serão mais / Eles, que nós, a meu ver" (NEIVA, 1940, p. 228).

Para o autor, antes mesmo do descobrimento do Brasil, explica-se a introdução da doença em Portugal e depois entre nós (NEIVA, 1940, p. 228). Explica também que o

nome *pian*, que o índio deu ao "mal" introduzido pelo europeu, foi assimilado pelo idioma francês. Yves d'Evreux quis fazer originar o vocábulo *pian* 'qui vient du mot *Pé, c'est-à-dire chemin, ou si vous voulez, du mot dos pied*', enquanto Th. Sampaio diz proceder de *py-ã*, a pele alta ou crescida; o inchaço, o tumor um pouco diferente da interpretação de Baptista Caetano que admite a hipótese de também poder ser 'pele marcada' (NEIVA, 1940, p. 228).

Desvia-se agora o foco desta pesquisa: da História para a Ciência, mais especificamente a ciência da Saúde. Neiva foi médico, etnógrafo e político, tendo sido aluno de Oswaldo Cruz. Tendo feito expedições ao Nordeste brasileiro, o médico dedicou-se a descrever as doenças que grassavam na região, expedições estas patrocinadas pelo Instituto Oswaldo Cruz. Interessante ver que, num tratado tão objetivo, a Literatura vem como documento historiográfico que dá suporte aos relatos de doenças no Brasil. Pode-se deduzir que os textos literários, andando de mãos dadas com a Ciência e a História, dão credibilidade ao estudioso, ao reportar o passado influenciando o presente.

ENTRADA DE ESCRAVOS EM LISBOA. PREOCUPAÇÃO SOCIAL.

No capítulo V do livro *Black Africans in Renaissance Europe*, Jorge Fonseca diz que, em cartas do humanista Clenardo a seus compatriotas, mostrava-se admirado com o número de escravos que abundavam Lisboa. Junto com essas impressões, Fonseca diz: "Garcia de Resende, poet and courtier, at about the same time revealed his preoccupation with the number of slaves entering the country: 'We see in the kingdom / so many slaves grow / and the natives go / That, if this is so, there will be more / of them, than of us, in my opinion'⁷. (FONSECA, 2005, p. 114).

Para o autor, muitos desses comentários são *caricatos*, pois refletem a surpresa dos visitantes de países onde existiam poucos africanos. Registra ainda que os visitantes observavam a diferença entre o humor dos portugueses, sempre tristes

⁷ Em nota, o autor coloca o poema no português original.

e melancólicos, e o dos escravos: mais felizes, mais extrovertidos, aparentemente. Um autor italiano anônimo escreve: “while the Portuguese are always sad and melancholic... the slaves are always happy, they do nothing but laugh, sing, dance and get drunk publicly in all the town squares” (FONSECA, 2005, p. 115). Ao contrário dos muitos números exagerados, Fonseca pesquisou que os escravos representavam, em 1500, 6% a 7% da população. Em Évora, seriam 5%. Em poucas regiões excediam os 10%. O que Clenardo não teria percebido é que entre os números havia muitas pessoas livres e seus descendentes (FONSECA, 2005, p. 115).

Para Fonseca, a constatação de que os escravos eram usados por seus donos para serviços domésticos, “seems closer to reality” (FONSECA, 2005, p. 116). Fonseca ainda diz que as críticas de Clenardo não eram devidas à injustiça contra os escravos, mas sim que a escravidão encorajava a depravação ociosa e moral dos portugueses, vícios que ele nunca cessou de criticar (FONSECA, 2005, p. 121).

Interessante o estudo de Jorge Fonseca por divergir de vários autores que comentam justamente o contrário, como se pode ler em trechos deste meu estudo: realmente o número de escravos na Metrópole era caso de espanto, pela quantidade e pelo desarranjo que a trazida deles para Lisboa e outras cidades causava na organização social. No entanto, deve-se adicionar a este fato aquilo que mais focalizam os autores que eu trouxe neste estudo, que era justamente o uso de escravos para a execução de trabalhos degradantes. Outro ponto interessante à pesquisa de Fonseca é o fato de que se viam os escravos como caricatos: é quase patético parecer que eles, ao contrário dos portugueses (tristes e melancólicos?), seriam felizes e extrovertidos.

POEMA DE GARCIA DE RESENDE EM ESTUDOS DA ESCRAVIDÃO NO NORDESTE BRASILEIRO

O historiador Ricardo dos Santos escreve a *história da escravidão* no Brasil, especificamente a que ocorreu no Sertão brasileiro. Seu livro divide os capítulos por épocas e dentro dessas por ano. Escreve que até 1448, quando Gomes Eanes de Azurara acaba sua crônica, eram 927 negros, sendo 125 para o Infante. Os negros estariam por toda parte em Portugal, entrando até a Espanha, negociados por traficantes, nobres e príncipes. Menciona Santos a carta de Clenardo sobre a quantidade de negros que via em Portugal. Isso não seria novidade, “pois já dissera Garcia de Resende na Miscelânea: ‘Vemos no reino meter tantos cativos, crescer e

irem-se os naturais, que se assim for, serão mais eles que nós, a meu ver” (SANTOS, 2017).

O autor comenta uma descoberta dos portugueses: havendo quem tratasse das tarefas braçais, a eles sobraria mais tempo para tarefas mais importantes, tais sejam a conquista de riquezas. Conclui o ano a que se refere dizendo “muitos países seguiram seu exemplo, transformando o tráfico de negros africanos num dos mais importantes ramos de negócio, senão o mais importante, nos séculos seguintes (SANTOS, 2017).

O estudo de Ricardo dos Santos caracteriza-se por serem textos curtos, em que destaca o principal fato do ano que estudou, e este em relação à história da escravidão no Brasil, mais especificamente no Nordeste. Santos vale-se, como vários outros estudiosos que relaciono nesta pesquisa, de textos de cronistas portugueses. No caso deste excerto, as crônicas de Gomes Eanes de Zurara e poemas de Garcia de Resende – este apesar de cronista é citado apenas como poeta. Esse estudo de Santos corrobora a percepção de estudiosos sobre a migração escravagista e os problemas que sua chegada em território europeu trouxeram. Problemas que evoluiriam, sem retorno, nos séculos seguintes, não só em Portugal, mas também em suas colônias recém-conquistadas.

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS

A brasilianista americana Darlene J. Sadlier escreveu sua obra, *The Portuguese-speaking Diaspora. Seven centuries of Literature and the arts*, para mostrar a *diáspora* ocorrida durante os Descobrimentos portugueses, que procuraram conquistar passando por lutas, crueldades e migrações derivadas dessas descobertas. Seu estudo trata mais especificamente das representações literárias e artísticas realizadas depois de uma longa história longe de casa, perda desta ou retorno ao lar, o qual o migrante não encontrará como era antes.

De acordo com o *The Oxford English Dictionary* “diáspora” significa “dispersão” originada do grego *diaspeirein* (semear). Essa dispersão, em sua obra, relaciona-se com os falantes do português que se espalhavam onde uma vez foi o império português.

No capítulo 1, “The Imperial Diaspora”, dá especial atenção aos *Lusíadas*, de Camões, além de examinar materiais literários tais como peças de teatro,

historiografias e narrativas de viagem, além de cartas dos jesuítas. Relata a brasilianista,

a considerable number of expansionist-period maps, woodcuts, engravings, and paintings feature the Portuguese caravel and its successor, the *nau* (carrack), both of which regularly appear in full majesty with their billowing sails in Order of Christ cross. The image of seafaring greatness and exploration can also be found in early stanzas of poet Garcia de Resende's long poem in *Miscelânea e variedade de histórias* (1545) (SADLIER, 2016, p. 46):

Nisto que posso dizer
que não seja todo dito?
também não posso escrever
tais coisas, sem se fazer
um processo infinito.
que grandes povoações!
que grandes navegações!
que grandes rios! que riquezas!
que costumes! que estranhezas!
que gentes e que nações!
[...]
Outro mundo nós vimos
per nossa gente achar
tão grande, que descobrimos
cinco mil léguas por mar,
e vimos minas reais
de ouro, e de muitos metais
no reino se descobrir;
mais que nunca vim saber
engenho de oficiais
(SADLIER, 2016, p. 47)

Mas o poema de Resende também comenta sobre a construção da nação e a diáspora, sem deixar de mencionar o influxo de cativos tirados das colônias:

Vimos muito espalhar
portugueses no viver,
Brasil, ilhas a povoar,
e às Índias ir morar,
natureza lhes esquecer:
Vemos no reino meter
tantos cativos crescer,
e irem-se nós, naturais,
que se assim for, serem mais
eles que nós, a meu ver
(SADLIER, 2016, p. 48)

A autora passa então a analisar a situação do império nos fins do século XVI, quando a preocupação passa a ser o declínio econômico do reino e a perda de vidas humanas. A Companhia das Índias Ocidentais holandesa destaca-se pela ousadia no comércio das especiarias, forçando a decadência do governo português. Diz a estudiosa: “adding to the loss of capital was loss of lives. In “*Miscelânea*”, Resende

briefly comments on shipwrecks, but he is even more concerned with loss of local foodstuffs:

Vi grandes perdas no mar,
más movimientos na terra,
muitas mudanças no ar:
nos verões, no invernar,
vemos já também que erra:
pão, carne, frutas e vinho,
e os pescados marinhos,
azeites, e todo o que há
se nos vai de Portugal,
e não sei por que caminhos.
(SADLIER, 2016, p. 48)

Como visto, a autora dedica-se a analisar a situação econômica de Portugal e a produção artística derivada das Conquistas. Sadlier fez uma profunda pesquisa e nesse capítulo em especial usa textos poéticos, tanto da época dos Descobrimentos como da época posterior, já no Renascimento, coincidindo com a desilusão – o desconcerto – tão contundente relatada por Camões. O estudo é interessante, pois toca num ponto pouco explorado que é justamente o encontro entre as Artes e a derrocada de um sistema que parecia progredir para o nascimento de um império duradouro.

LITERATURA E ECONOMIA

O historiador português Oliveira Martins (1845-1894) também se valeu de textos poéticos de Garcia de Resende para focar seu estudo na *situação econômica* de Portugal. No início das Conquistas de além-mar, os rendimentos vindos do Brasil e da África ainda eram pouco rentáveis para o tesouro, em oposição ao que rendia o comércio com a Índia. Só a pimenta que vinha a cada ano produzia um milhão de cruzados. “E quanto à metrópole, os réditos *bem feitos, forros* de toda a despesa, atingiam duzentos contos. Garcia de Resende diz que vemos no reino:

As rendas tanto crescer
Que agora o vemos render
Duzentos milhões de reais
Índia e Mina não entrando”

As vantagens em riqueza e em população prevaleciam em Lisboa, podendo-se ver no Tejo navios de todas as nações, comercializando produtos de todo o mundo.

“Os mercadores, operando sobre os grandes valores dos carregamentos asiáticos,

Vendiam junto em um dia,
Em drogas, especiaria,

Setecentos mil cruzados”
(OLIVEIRA, 2014, p. 147)

Por volta de 1521/35, a situação era outra. A pobreza grassava. “O trabalhador rural mendigava; e ia de porta em porta, pelas casas fidalgas, pelos conventos e passais dos preladados, pelas comendas, conezias e abadias, pedir que lhe matassem a fome. Garcia de Resende nota assim o encarecimento do pão:

Vimos em Évora valer
Os moios de pão iguais
Quinze, vinte mil reais
Agora os vemos vender
A setenta mil e mais.
(OLIVEIRA, 2014, p. 149)

Quanto à emigração dos naturais e à imigração de escravos, diz o historiador que a importação de negros alterava a fisionomia da população, registrando o fato novamente Garcia de Resende:

Vemos no reino meter,
Tantos cativos crescer,
E irem-se os naturais
Que se assi for, serão mais
Eles que nós, a meu ver.
(OLIVEIRA, 2014, p. 150)

A situação era tão dramática, que o fidalgo pobre era comum e ridículo, andando nas comédias, conforme registra Gil Vicente:

Trazeis seis moços de pé
E acrescentai-los a capa
Coma rei, e por mercê,
Não tendo as terras do papa,
Nem os tratos da Guiné
Antes vossa renda encurta
Coma a pano de Alcobaça
.....
Todo o fidalgo de raça
Em que a renda seja curta
He por força que isso faça
(OLIVEIRA, 2014, p. 150)

E o fidalgo, para satisfazer a vaidade, virá fingir tratar sua fome:

Vem tão ledo: Sus! cear!
Como se tivesse quê

Na verdade, sua sobrevivência consistia em pão, água e rabanetes se os encontrasse:

Toma um pedaço de pão
E um rabão engelhado
E chanta nele um bocado

Como cão
(OLIVEIRA, 2014, p. 150)

A situação estende-se até no âmbito da fé: exagerava-se o número de frades e clérigos, “por não haver mais farta nem rendosa vida”:

Somos mais frades que a terra
Sem conto na cristandade
(OLIVEIRA, 2014, p. 150)

Mas não só a nobreza e o clero eram atingidos. É óbvio que a plebe foi também atingida:

É cara no Lumiar
Sochantre da Mealhada
Arcipreste de canada
Bebe sem resfolegar
(OLIVEIRA, 2014, p. 151)

Voltando a Garcia de Resende, poetando sobre os tempos de d. João III, o poeta palaciano dizia sobre os homens da Índia:

Agora vemos capinhas
Muito curtos pelotinhos
Golfinhos e sapatinhos
Fundas pequenas, mulinhas
Gibõezinhos, barretinhas
Estreitas cabeçadinhas
Pequenos nominazinhos
Estreitinhas guarnições
E muito mais invenções
Pois que tudo são coisinhas

Comenta Oliveira Martins: “O diminutivo impera, a gente amesquinha-se, a nação decai” (OLIVEIRA, 2014, p. 151-152).

Diferentemente da brasilianista Sadlier, vista no texto anterior a este de O. Martins, o historiador, para mostrar a situação de penúria de Portugal, vale-se do encontro entre Literatura e História, bem antes dos estudos desenvolvidos pelos estudiosos dos *Annales* – o texto de Oliveira Martins é do fim do século XIX. Mais rico na pesquisa, o historiador usa textos poéticos de Resende e peças teatrais de Gil Vicente, em que se pontua a crítica dos dois contemporâneos em relação ao advento de riquezas para a Metrópole e com isso a degradação dos costumes. Com isso, mostra que o discurso histórico busca compreender a realidade através dos fatos; para argumentar o historiador usa a Literatura, porque a obra literária ficcional está vinculada ao real vivido.

AS CONQUISTAS E O DESCONCERTO DO MUNDO

A desilusão pela decadência dos costumes em Lisboa – e em Portugal como um todo – é registrada em muitos poemas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Nas trovas 542, Duarte da Gama relata “aas desordeens que agora se costumam em Portugal” (CANCIONEIRO, 1998, p. 50-57, v. III). São 30 estrofes em oitavas em que o poeta demonstra sua repulsa pela degradação da nação. Na primeira estrofe, o descontentamento:

Nam sei quem possa viver
neste reino ja contente,
pois a desordem na gente
nam quer leixar de crecer.

Começa, então, a descrever a procura do cidadão pelo exhibir-se comprando herdades, móveis, tapeçarias; outros – e o pronome é recorrente como anáfora no início de cada estrofe – tentam mudar sua forma de falar e tratar e de se pentear. Fazendo uma ligação entre a crítica de Gil Vicente quanto ao fidalgo pobre, Duarte da Gama comenta:

Outros nom têm moradia
mais de seiscentos reaes,
os quaes querem ser iguaes
cos fidalgos de valia.
Outros por s'afidalgar
andam aa brida continos
em sindeiros que sam dinos
de colltar

A inversão de papéis é observada pelo poeta sempre em relação às falsas aparências; registra o desprezo de muitos pelos elos sociais que desprezam, não mais se importando com as guerras, com a vassalagem, com a “caça” ao dinheiro e não ao trabalho; outros “querem ir andar / na corte sendo casados / e se fazem desterrados/ donde deviam d'estar.” Quanto aos amores, o fingimento não é mais poético, pois

Outros se querem vender
qu'andam com damas d'amores,
que nam sam merecedores
de as ver.

Crítica a usura e a cobiça dos prelados. O mal não se restringe à capital do reino, mas

Em qualquer aldeazinha
achareis tal corruçam
qu'a molher do escrivam
cuida que é ùa rainha.
E tambem os lavradores

com suas maas novidades
querem ter as vaidades
dos senhores.

Compara Portugal a Roma, dizendo que vencer os cartagineses trouxe ao império mais estrago, pois se viu vítima dos vícios:

A cidade de Cartago,
depois de ser destruida,
fez em Roma moor estrago
que antes de ser perdida:
os romãos des que venceram
foram dos vicios vencidos
e seus louvores crecidos
pereceram.

Depois de fazer um rol dos males que empestam Portugal, Gama finaliza pontuando seu desgosto com o tempo presente:

Fim.

Assi no tempo presente,
nam seria muito mal
haver i oficial
de desenganar a jente.
O qual em mi acharia
o que quero reponder
e quiçaes arreponder
me faria.

O poema de Duarte da Gama retrata uma questão que vai se alastrar por toda a Conquista portuguesa: o *desconcerto do mundo* que, não só será cantado por Camões, mas por muitos poetas desiludidos com os rumos do império, que, apesar das riquezas, começa a mostrar sua decadência.

Da reunião de poemas que tratam do desconcerto do mundo no *Cancioneiro Geral*, sobressai, nas composições denominadas didático-moralizantes, um sentimento de desilusão quanto a um mundo corrupto e decadente, engendrado não só pelas conquistas ultramarinas portuguesas, mas também por um conjunto de outros fatos que marcaram as mudanças do final de Quatrocentos e início de Quinhentos. Outro exemplo pode ser tirado de Gregório Afonso, cujas trovas inovadoras – compostas de uma longuíssima estrofe de 341 versos⁸, à beira da prosa poética – e contundentes no conteúdo, pois o poeta “brinca” com os verbos *arrenego*

⁸ As trovas têm n. 561, intituladas “Arrenegos que fez Gregorio Afonso, criado do Bispo D’Evora”, p. 73-82 do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

e *renego*, em aliteração anafórica, mostram a decadência moral do Portugal de fins da Idade Média. Ao longo de sua peça, Gregório Afonso vai deslindando todos os males por que passa a nova sociedade portuguesa, dissociada dos preceitos cristãos – por paradoxal que pareça – interessada apenas nas conquistas materiais.

Nessa trova, percebe-se a desilusão do poeta quanto à honestidade, à liberalidade dos costumes, aos que usam da agudeza, no sentido de esperteza, em vez da justiça, para encerrar com um apelo à fé cristã, opondo-se ao clamor que inicia seu poema, ou seja, um clamor contra os infiéis. Sua lamúria vai, a cada verso, enumerando todos os males que corrompem Lisboa, centro agora de diversas etnias e de comerciantes: aquelas, trazidas pelos Descobrimentos, estes, ávidos por levar proveito destes mesmos feitos.⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar pela estrutura deste artigo, a intenção não foi a de redigir um texto analítico especificamente, mas sim, mostrar principalmente a importância que a Literatura tem para a História e vice-versa. Os versos de Garcia de Resende que permeiam este estudo tornaram-se recorrência e mesmo mote para estudos de vários especialistas nas questões dos Descobrimentos e, quanto ao Brasil, na questão da escravidão.

Percebe-se nos versos de Resende, e também nas peças de Gil Vicente, uma constante preocupação com os rumos das Conquistas ultramarinas, que trouxeram indubitavelmente riqueza à Nação, mas que, aliadas a elas, mesclaram-se vícios que causariam a degeneração da sociedade portuguesa. Em detrimento aos valores e virtudes de uma época que muitos consideravam de Ouro, o ouro que chegava a Portugal serviu para a degradação das relações sociais e, conseqüentemente, contribuíram para o sentimento de desconcerto do mundo.

Estudiosos de diversas origens e funções ativeram-se à observação da ligação entre a produção dos finais da Idade Média e inícios da Modernidade para fundamentar seus argumentos em relação a esse objeto: a descoberta de um mundo novo que trouxe deslumbramento, mas também perdição ao Portugal, pretense novo império. Esses estudos que pude elencar neste artigo passam pela gênese do mulato,

⁹ Este poema faz parte das análises que fiz das trovas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, na defesa de minha tese na Universidade de São Paulo em 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15092011-130549/>>.

pelo *ethos* do povo ibérico que relaciona o trabalho à aventura e não ao esforço, conseqüentemente, todos aderem a uma mania nova: a da fidalguia. Outros estudos remetem à aprendizagem da língua portuguesa pelos escravos, sendo eles o elo entre as línguas das nações africanas e a língua do colonizador; outra mostra refere-se à migração vivenciada pelas populações da época das Conquistas e também a dispersão, a diáspora que produziu essa mescla de vários povos e etnias. Pôde-se ainda observar como o texto poético vai dar vazão aos estudos da expansão da doença boubá quando dos Descobrimentos. O uso de textos literários mais recorrente dá-se, como se pôde observar, na questão da escravidão e da situação econômica – deslumbramento e decaimento.

Por fim, aquilo que migrou dos sentimentos do novo homem pós-Descobrimentos que se traslada para a Literatura: o desconcerto do mundo.

REFERÊNCIAS

- CANCIONEIRO Geral de Garcia de Resende. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. Volumes I a IV.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CEREJEIRA, Dr. M. Gonçalves. *Clenardo – O Humanismo em Portugal*. Coimbra: Coimbra Ed. Lda., 1926.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- DESTRO, Letícia C. F. “Entre línguas”: os intérpretes nos primeiros contatos dos europeus com a costa da Guiné (século XV). *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 14, n. 2, p. 326-338, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol14/artigo3dvol14-2.pdf>>.
- FONSECA, Jorge. Black Africans in Portugal during Cleynaerts’s visit (1533-8). In: *Black Africans in Renaissance Europe*. Ed. T. F. Earle & K. J. P. Lowe. Nova York: Cambridge, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

NEIVA, Artur. Estudos da Língua Nacional. *Brasiliiana Eletrônica*. 1940. p. 228. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/estudos-da-lingua-nacional/pagina/228/texto>>. Acesso em: 22 maio 2017.

OLIVEIRA MARTINS. *História de Portugal*. [s.l.]: Ed. Vercial, 2014.

SANTOS, Ricardo dos. *Os Sertaniadas*. Porto Alegre: Revolução eBook, 2017. Volume I, de 1500 a 1900.

VIEIRA, A. A emigração portuguesa nos Descobrimentos: do litoral às ilhas. In: *Portuguese Studies Review* 15 (1-2), p. 63-101, 2007. Disponível em: <<https://emigratecaportuguesa.files.wordpress.com/2015/04/2007-a-emigrac3a7c3a3o-portuguesa-nos-descobrimientos-do-litoral-c3a0s-ilhas.pdf>>.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da Literatura Infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: Leituras e indagações. In: *Cad. Cedes*, Campinas, v. 30, n. 82, p. 339-353, set.-dez. 2010. Também disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/05.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Recebido em 02/09/2018.

Aprovado em 16/03/2019.